



Fome como tabu: o Mais Antigo e perverso do Mundo

Hunger as a taboo: The Oldest and perverse of the world.

Maria Leidiana Mendes de Oliveira¹

Universidade de São Paulo
leidianamendes@gmail.com

Resumo: O presente artigo busca discutir a fome numa perspectiva geográfica. A importância do tema se deve ao fato de que a alimentação é fundamental para a manutenção da vida; portanto, essencial à existência. Assim, inferimos a fome como um processo constituído ao longo da história da humanidade, constituindo uma tabu, visto por muitos, porém discutido por poucos, daí a importância de Josué de Castro como sendo pioneiro e corajoso ao falar deste tema em um momento que nada ou pouco se falava a respeito. Abrindo caminhos para que adiante muitos anos depois pudéssemos discutir a fome numa perspectiva geográfica e assim podendo buscar conceitos caros a nossa disciplina, como o conceito de Território usado que se transforma numa poderosa categoria de análise social, importante argumento para a apreensão da fome como processo político, e não como fenômeno como era discutido nos tempos de Josué de Castro.

Palavras-Chave: Fome; Território Usado; Desigualdades; Josué de Castro.

ABSTRACT: This paper discusses the hunger as geographical perspective. The relevant of the issue is due to the fact that food is essential for the maintenance of life and the human being. Thus, we have dealt to hunger as a process that has been included during the history of humanity. Also, it has been viewed as a taboo by many of people and it has been discussed by the minority of population. At that moment, we highlight the importance of Josué de Castro as precursor of this matter in a specific moment that nothing or just a little was talked about. Later, this author opened a pathway for discussing about the hunger under a geographical perspective. Besides he allowed going beyond in concepts related to a Territory. It has been converted into a powerful category of social analysis. That is an important argument for the understanding of hunger as a political issue. Differently, as a phenomenon how it was discussed by Josué de Castro.

Keywords: Hunger; Used territory; Social inequalities; Josué de Castro.

¹ Mestre e Doutoranda em Geografia Humana pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

1. Introdução

Falar em fome ainda como um tabu da nossa sociedade, nos remete diretamente a Josué de Castro, importante estudioso brasileiro que no início do século XX levantou a discussão sobre o tema, segundo ele “*Delicado e Perigoso*”. Tamanha importância se deve ao fato de a alimentação ser fundamental para a manutenção da vida, principalmente, se partirmos da ideia de que alimentar-se é algo inato e, portanto, fundamental a existência do homem.

2. Fome como Tabu, os primeiros escritos de Josué de Castro

No livro “O Problema da Alimentação no Brasil”, publicado em 1934, Josué de Castro já chamava atenção para a importância do alimento como base de sustentação da vida, ele conceituou alimentação como sendo: ” O suporte de toda matéria viva de que o ser vivo lança mão para conservar seus atributos vitais e tem que abranger variados aspectos da questão” (CASTRO, s.d, p. 20)

Enquanto o “Alimento definiam os antigos fisiologistas, é tudo aquilo que, penetrando pelo aparelho digestivo, vai servir ao organismo... etc”. (Idem, p.21). Ou seja, tudo o que é necessário para a realização de atividades vitais e manutenção da vida.

O alimento é necessário para o perfeito equilíbrio e funcionamento do corpo humano. Logo, não demorou a se a chegar a conclusão de que a falta de algumas substâncias (vitaminas) alimentares eram a causa direta de determinados tipo de doenças que Josué de Castro nesta mesma obra chamou de estado de “carência alimentar

Ainda na década de 1930 quando publicou “O Problema da Alimentação no Brasil” Castro levantou questões relacionadas ao valor energético dos alimentos colocando-os como sendo o combustível e energia para a vida. Ele dizia: “O regime alimentar racional, sob o ponto de vista energético, deve cobrir com suas receitas as despesas energéticas do organismo. Desta igualdade entre as receitas e despesas resulta o equilíbrio dinâmico da vida”. (CASTRO, s.d, p. 33)

Castro, então, já falava no que hoje os profissionais de nutrição apontam como equilíbrio alimentar, ou seja, a quantidade de alimento ingerido deve ser proporcional e estar de acordo com as necessidades e atividades diárias de cada pessoa.

No entanto, algo já lhe chamava atenção: o fato de o Brasil pouco produzir estudos sistemáticos sobre os problemas ligados a alimentação e nutrição do brasileiro, uma vez que, outros países como Inglaterra, França, Itália, Austrália, Alemanha, México e até nossa vizinha Argentina, possuíam, já na década de 1930, institutos que se dedicavam exclusivamente a estudos referentes à alimentação e nutrição. Segundo o autor este foi o legado “positivo” deixado pela grande guerra,

É que a guerra, com todos os seus terríveis males e suas terríveis consequências, trouxe paradoxalmente este benefício- chamou atenção sobre certos problemas que eram até então descuidados da atenção dos estadistas- o problema alimentar, por exemplo. (CASTRO, s.d, p. 18)

Segundo Josué de Castro, estudar cientificamente o problema da alimentação era bastante complexo, uma vez que, este era um tema vasto e de múltiplas perspectivas. O problema da alimentação é vastíssimo “Sendo este O dúvida culinário e gastronômico, mas é também econômico, social, agrícola, fiscal, higiênico, médico e até moral.” (CASTRO, s.d, p. 20)

Por isso foram tão relevantes os estudos de Josué de Castro que teve sensibilidade, coragem e, principalmente, dedicação em pesquisar e discutir o que ele sabiamente chamou de tabu.

Em um dos seus livros mais conhecidos: “Geografia da Fome”, publicado em 1946 e traduzido para vários idiomas, ele afirma que “*a fome é um tema tão delicado e perigoso a ponto de ser um tabu da nossa civilização*”.² Porém, o que mais lhe chamava atenção era o fato de que pouco se falava e, principalmente, de existir tão pouca coisa escrita sobre o que ele chamou fenômeno. Disse ele que, para cada mil publicações tratando sobre os problemas da guerra apenas uma publicação tratava do problema da fome (CASTRO, [1946] 2008).

Como tabu Josué de Castro comparou a fome ao sexo, dois grandes temas proibidos da sociedade. Para ele a fome de alimentos e a fome sexual são instintos primários do homem. O sexo foi mantido em silêncio por muito tempo, até que Freud (a quem ele chamou de gênio) teve a coragem inconveniente e providencial de levantar o tema. Já para que a fome fosse notada,

² Grifo nosso, pois consideramos de grande importância para introdução desta discussão.

[...] foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa- nas quais pereceram dezessete milhões de criaturas, dos quais doze milhões de fome, para que a civilização ocidental acordasse do seu cômodo sonho e se apercesse de que a fome é uma realidade demasiado gritante e extensa, para ser tapada com uma peneira aos olhos do mundo. (CASTRO, p. 13[1946] 2008).

No entanto, os estragos produzidos pela fome são infinitamente maiores do que os causados pela guerra, talvez pelo fato de a primeira agir de forma silenciosa aos olhos de quem vê, mas de forma cruel e devastadora para quem sente. ”[...] foram os interesses e os preconceitos de ordem moral, política e econômica de nossa civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido de ser abordado publicamente.” (CASTRO, [1946] 2008, p.12).

Em “Geopolítica da Fome” publicado em 1952, Josué de Castro ratifica o que ele anteriormente denominou de tabu e, novamente, compara o problema da fome ao sexo apontando uma diferença: enquanto o sexo foi levado à baila por um homem que teve a coragem inconveniente de levantar a discussão sobre o grande tabu de nossa civilização, a fome ainda era mantida em um silêncio quase sepulcral. Ele atribuía este silêncio ao,

[...] fundamento moral que deu origem a esta espécie de interdição baseia-se no fato de que o fenômeno da fome, tanto a fome de alimentos, como a fome sexual, é um instinto primário e por isso um tanto chocante para uma cultura racionalista como a nossa, que procura por todos os meios impor o predomínio da razão sobre o dos instintos na conduta humana. (CASTRO, 2008 [1946], p. 12).

Discutindo a fome como fenômeno, Josué de Castro disse que ela não deveria se encarada como natural, pois seria injusto falar isso uma vez, que a natureza não é mesquinha. E disse mais: a fome era uma violência do homem contra o próprio homem, pois ela e a guerra não obedecem a qualquer lei natural, são antes de tudo criações humanas e ambas só surgiram,

[...] depois que o homem alcançou um grau de cultura em que começou a acumular reservas e a estabelecer fronteiras defensivas de suas riquezas acumuladas, isto é, quando começaram as dificuldades criadas pelo homem quanto a distribuição das riquezas naturais. (CASTRO, 1953, p. 52).

Ele discorre, ainda, sobre os mais variados tipos de doenças nos mais diferentes povos ao redor do mundo que tem como causa primeira a falta parcial ou total de alimentos.

O organismo humano é uma máquina muito semelhante aos maquinismos fabricados. Qualquer trabalho que realiza é sempre resultado de uma transformação de energia que se processa na intimidade de seu complicado mecanismo. O combustível que a máquina humana utiliza é o alimento [...]. (CASTRO, 1953, p. 71-72)

Sendo assim, a alimentação é fundamental para suprir as necessidades da vida, pois somente através dela é possível transformar o alimento em combustível para o perfeito funcionamento da engrenagem humana.

Josué de Castro denunciou a fome como um tema proibido e, conseqüentemente, um fenômeno não discutido, a não ser em virtude dos interesses de alguns.

No entanto, não entendemos a fome como um fenômeno e sim como um processo, uma das faces da pobreza e a mais perversa manifestação dentro do tema denominado “Geografia das Desigualdades”. Neste sentido,

As Geografias da Desigualdade são produto do processo de apropriação desigual do valor (valor de uso versus valor de troca). A comida é valor de uso para todos os seres humanos, é condição da existência humana. A falta de alimentação implica na morte. No entanto, o alimento é valor de troca para poucos, que nos mercados mundiais lidam com as leis da abundância e da escassez, objetivando o processo de acumulação capitalista. (SOUZA, 1995, p. 2).

Por isso entendemos que a fome precisa ser tratada como um problema político. Josué de Castro em seu “Livro Negro da Fome” já falava que,

[...] a fome se apresenta como o problema de mais agressiva gravidade para os dirigentes do mundo de hoje. Com uma tão explosiva carga de perigos e de ameaças para a civilização quanto os problemas das armas nucleares de destruição maciça. [...] E isto por que a fome é ao mesmo tempo causa e efeito da pobreza e da miséria (CASTRO, 1960, p. 13).

Então, para tratar da questão da naturalização da fome, neste mesmo livro ele diz mais uma vez que, o “meio natural” não poderia ser apontado como o único responsável pela fome, pois o problema deveria ser tratado como um fenômeno social, só sendo possível superá-lo através da ação do próprio homem,

[...] a fome não é um fenômeno natural e sim um produto artificial de conjunturas econômicas defeituosas: um produto de criação humana e, portanto capaz de ser eliminado pela vontade criadora do homem. (CASTRO, 1960, p. 24).

Este pensamento é ratificado quando ele diz que a maioria dos desequilíbrios e alterações na saúde do homem, que antes eram atribuídos natureza, foi, na verdade, consequência direta da deficiência alimentar provocada pela fome. (CASTRO, 1960, p. 13).

3. Fome e Tabu: O que diz a Geografia

Buscamos entender este problema numa perspectiva geográfica. Esta necessidade surge, principalmente, pelo fato de o tema ser pouco estudado na nossa disciplina.

Uma vez que, essa discussão se dá nas mais diferentes disciplinas, dentre as quais destacamos: Sociologia, Antropologia, História e, sobretudo, na Nutrição e Saúde Pública, ambas seguindo diferentes caminhos e alguns desses trabalhos, inclusive, discutindo a fome como fenômeno.

Na geografia, embora haja uma escassez de trabalhos sobre a fome na perspectiva que procuramos entender, buscamos autores que discutem o problema em outra perspectiva, a partir da ideia de processo, que inferimos ser a chave para a real compreensão de tão grave problema.

Neste sentido, Milton Santos importante geógrafo brasileiro nos ajuda a refletir sobre a problemática aqui aventada, dentre suas publicações acerca do tema estão: “Croissance démographique et consommation alimentaire dans le pays sous-développés”, (1967). Onde ele discute o meio geográfico e a alimentação; “De la géographie de la faim à la planification régionale” (1969); e “Fome só acaba com um pacto duradouro” este último publicado originalmente no jornal o estado de São Paulo em 1994.

Em seu artigo “Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento” apresentado na Conferência magna no I Seminário Nacional Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento, em 12 de julho de 2000, ele chama atenção para algumas metáforas, dentre as quais o “meio ambiente”, que ele considera reducionista e, portanto, impossível de se teorizar.

Ainda para este autor havia um escamoteamento da centralidade do problema social e político, antes a “ajuda” internacional vinha de diversos lados, hoje é comandada por interesses das grandes potencias, para exemplificar esta questão ele lembra o problema da fome,

Basta ver o tratamento dado à questão da fome, na África subsaariana comanda da pela política dos novos grandes impérios. Também é o mesmo caso do tratamento de diversas questões no subcontinente asiático, consideradas como ajuda internacional, mas tratadas de forma egoística, de tal maneira que as pessoas bem pensantes passaram, desde então, a desconfiar da palavra “ajuda” . (SANTOS, 312, 2000)

Para Milton Santos, Josué de Castro, sugeria uma mudança fundamental, na visão do mundo e, inclusive no que diz respeito a saúde, deixando de lado a questão do ambiente e trazendo a baila o problema para ser discutido pela sociedade internacional. (SANTOS, 1967). Neste sentido,

[...] A questão alimentar, que já então preocupava as pessoas de boa vontade, também era apontada como um problema e uma questão da regionalização. Ou seja, haveria regiões fadadas a ter fome e outras fadadas a ter abundância. Critiquei a dicotomia racista e preconceituosa que considerava normal e evidente que os europeus se organizassem sem inteligentemente, e nós, naturalmente, em parte em culpa de nossa tropical idade e em parte devido a nossa precariedade intelectual, não poderíamos ultrapassar nossos limites. (SANTOS, p.310, 2000)

4. A Fome como Fenômeno: o olhar de algumas disciplinas

Quando nos deparamos com trabalhos de outras disciplinas nos vem um questionamento: Como estas discutem a fome?

Muitas disciplinas estudam e discutem a fome usando outras nomenclaturas, dentre as quais: nutrição, subnutrição, desnutrição, segurança e insegurança alimentar, para citar algumas.

Em “A dimensão da pobreza, da fome e da desnutrição no Brasil” de 1995, o Professor Carlos Augusto Monteiro médico e professor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, já buscava conceituar e medir a extensão da pobreza, da fome e da desnutrição no país. Neste trabalho ele inicia a discussão sobre os conceitos de Pobreza, Fome e Desnutrição. Para ele,

São pobres as pessoas que não suprem permanentemente necessidades humanas elementares como comida, abrigo, vestuário, educação, cuidados de saúde etc. Têm fome aqueles cuja alimentação diária não aporta a energia requerida para a manutenção do organismo e para o exercício das atividades ordinárias do ser humano. Sofrem de desnutrição os indivíduos cujos organismos manifestam sinais clínicos provenientes da inadequação quantitativa (energia) ou qualitativa

(nutrientes) da dieta ou decorrentes de doenças que determinem o mau aproveitamento biológico dos alimentos ingeridos. (MONTEIRO, p. 195, 1995.)

Para o professor Carlos Augusto Monteiro é possível diferenciar, fome, desnutrição e pobreza através de exemplos. Como segue,

Um indivíduo poderá ser pobre sem ser afetado pelo problema da fome bastando que sua condição de pobreza se expresse por carências básicas outras que não a alimentação (o instinto de sobrevivência do homem e de todas as outras espécies animais faz com que suas necessidades alimentares tenham precedência sobre as demais). A situação inversa, a ocorrência de fome na ausência da condição de pobreza, ocorre apenas excepcionalmente por ocasião de guerras e catástrofes naturais. Fome e desnutrição tampouco são equivalentes, uma vez que, se toda fome leva necessariamente a desnutrição- de fato, a uma modalidade de desnutrição: a deficiência energética crônica- nem toda deficiência nutricional se origina do aporte alimentar insuficiente em energia, ou, sendo mais direto, da falta de comida. (MONTEIRO, 2003, p.9)

Na visão deste autor ações que combatam eficientemente a pobreza serão obviamente de grande valia para a luta contra a desnutrição, desde que estas ações ataquem o problema em sua origem. (Idem, 2003)

Outra discussão feita na Nutrição diz respeito a “Segurança Alimentar e Nutricional”, ou no caso mais específico sob o nome de “insegurança alimentar”, que é para esta disciplina a falta de alimento ou o acesso incorreto a comida.

A segurança alimentar é o fornecimento adequado de alimentos e da disponibilidade alimentar. Isto significa estabilidade de mantimentos e acesso à comida e ao consumo por todos. “A segurança alimentar [...] é conseguida quando todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico e econômico a comida nutritiva e segura em quantidade suficiente e adequada às suas necessidades dietéticas e preferências alimentares para uma vida ativa e saudável” [...] O direito à comida é um direito humano básico, mandatado na lei internacional e reconhecido por todos os países. (FAO³, 1996)

O conceito de segurança alimentar surge na Europa no início do século XX, no pós-guerra, e parte da ideia de Segurança nacional: capacidade de produzir a alimentação de seu povo, para não ficar vulneráveis a cercos, embargos por motivação política ou militar.

Diante do exposto, percebemos que assim como nos tempos de Josué de Castro, a fome ainda hoje é encarada como fenômeno, seja natural ou social, dependendo da disciplina que a discute.

³ Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação

Mas, a fome não pode ser vista como natural, pois não é admissível a situação de escassez alimentar ainda vivida por muitos seres humanos na face do planeta, já que, o alimento é o elemento primeiro para a sobrevivência humana.

Neste período histórico denominado de técnico-científico e informacional a questão política é ressaltada. A Geografia exhibe que o uso desigual do território, com a extensão do meio técnico-científico-informacional sendo feita apenas para alguns, continua a excluir muitos, ampliando, no entanto, a perversidade que decorre, nesta contemporaneidade, do alijamento da maioria da população do meio a que nos referimos acima. Discutir a fome geograficamente é discutir também o uso do território não apenas pela produção, mas pelas possibilidades que todos devem ter de produzir alimentos especialmente, como também discutir a sua distribuição para aqueles que ainda passam fome.

O território usado⁴ se transforma assim numa poderosa categoria de análise social, argumento precioso para a compreensão da fome como processo político e não como fenômeno. Portanto decidir sobre os usos do território pela produção de alimentos é também discutir a gênese da deste problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferimos neste artigo que a fome é o resultante de um processo histórico complexo, e que ainda está em todas as partes, porém ela se manifesta de forma mais pujante nos lugares com características que “favorecem” sua permanência, por isso entendi aqui como um tabu, que além de perverso perdura há muito tempo, por isso entendido como o mais antigo do mundo.

Neste sentido, O diálogo com outras disciplinas dentre as quais destacamos a: a história, sociologia e economia, bem como a contribuição de alguns importantes autores, se constituiu como elemento fundamental para compreender esse problema que tão antigo e ao mesmo tempo perversamente atual.

⁴ Milton Santos conceitua território usado como sendo “[...] objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (SANTOS, Milton. *O retorno do território*. In TERRITÓRIO: Globalização e Fragmentação. 3ª edição, São Paulo: Hucitec, 1996, p. 16). Ainda neste sentido, Maria Adélia de Souza corrobora este pensamento quando diz que: “Território usado seja incorporado como uma categoria social de análise e que o espaço geográfico seja considerado como uma instância social, (novidade trazida pela obra de Milton Santos) como contribuição para entender o mundo do presente”. (SOUZA, 2010)

REFERÊNCIAS

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa do estudante do Brasil, 1953.

_____. **Geografia da fome o dilema brasileiro: pão ou aço**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **O Livro Negro da Fome**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1960.

_____. **O Problema da alimentação no Brasil**. Biblioteca Pedagogia Brasileira, S.d.

_____. **A alimentação brasileira á luz da geografia humana**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937.

_____. **Ensaio de geografia humana**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **A Dimensão da Pobreza, da Fome e da desnutrição no Brasil**. Estud. Av. [online]. 2003, vol.17 n.48. ISSN 0103-4014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200002. Acesso em 10 de outubro de 2011.

_____. **Fome, desnutrição e pobreza: além da semântica**. Saude soc. [online]. 2003, vol.12, n.1, 249P. 7-11. ISSN 0104-1290. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902003000100003&script=sci_arttext. Acesso em 20 de outubro de 2011.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). **Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Ação da Cimeira Mundial da Alimentação**. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.HTM>. Acesso em: 23 de outubro de 2011.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Espaço e Método**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O Retorno do território.** In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. Adélia; SILVEIRA, M. Laura. **Território globalização e fragmentação.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Alimentation urbaine et planification régionale en pays sous-développé.** Paris: Tiers-Monde, 1969.

_____. **Globalização e efeitos perversos: Relendo a Geografia da Fome.** Texto elaborado para o I ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, realizado em Aracaju, de 5 a 9 de setembro de 1995.

_____. **Cidade: Lugar e Geografia da Existência.** Conferência elaborada para o 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, realizado em Salvador, de 21 a 24 de outubro de 1997.